

países pobres o nível de escolaridade registra de maneira direta a dominação social dos meninos sobre as meninas. Nos países ricos de escolarização desenvolvida a retradição escolar disso é uma relação cruzada em que cada sexo tira vantagens e inconvenientes da situação social de dominação. No que diz respeito ao ensino profissional, a situação é mais difícil (capítulo oito) e uma pesquisa sobre a evolução desse tipo de ensino permitirá compreender melhor a função das distinções de sexo num lugar estratégico, situado na fronteira da escola e da empresa.

E amanhã?

Ao fim de um livro, e de um livro de Sociologia da Educação, espera-se que os sociólogos pelo menos esbochem uma antecipação do movimento social. Baudelot e Estabiet, não se furtando a isso, mas tampouco deixando-se cair na armadilha do que pode ser um texto premonitório (ainda que cientificamente embasado), "se arriscarão a apenas refletir sobre algumas perspectivas que se desenham na atual sociedade escolar." Constatam que existe um movimento social de grande repercussão que não parará agora, porque ainda não chegou a seu termo: o prodigioso desenvolvimento das escolari-

dades femininas está longe de encontrar seu pleno reconhecimento sobre o plano das qualificações econômicas. Na atual realidade das performances e estatísticas escolares, pode-se constatar que o jogo entre meninos e meninas a ser estabelecido daqui a alguns anos se manterá. No mais, também o trabalho do sociólogo cai numa zona de incerteza da qual é difícil sair, já que o reconhecimento das competências femininas se choca com dois obstáculos de porte não desprezível: a organização tradicional da família e a "moderna divisão" do trabalho. Tanto num caso, como noutro, é a capacidade de construir um futuro objetivo que está em causa, tarefa, sem dúvida, dificultada pelo culto desenfreado do individualismo...

Allez les filles! é um livro que merece mais que uma resenha. Penso em um curso, recheado de estatísticas através das quais pudéssemos avaliar o caso brasileiro. Penso sobretudo em um replicamento das pesquisas, nas quais cientistas sociais brasileiros (aí compreendidos educadores e educadoras) pudessem levantar dados, que também a nós permitissem construir um futuro mais objetivo.

ELIANE MARTA TEIXEIRA LOPES ■

Feministas fazendo história

Breve História do Feminismo no Brasil

TELES, Maria Amélia de Almeida.

São Paulo: Brasiliense, 1993 (Coleção Tudo é História, nº. 145, 181 p.).

Antes de fazer o que é habitual numa resenha - informar sobre o conteúdo do livro - peço licença para contar uma história.

Dezembro de 1972. Caí preso no DOI-CODI, a famosa Operação Bandeirante, de São Paulo. Levado para a tortura, no segundo andar, cruza na escada com uma moça pequena, de fundas olheiras. Ela voltava do inferno. Cruzamos olhares de compaixão, ou algo parecido, o bastante rápido para os torturadores não suspeitarem que

nos conhecíamos. Fui testemunha nos dias seguintes dos sofrimentos físicos e morais que lhe causaram, a ela, a seu marido, a sua irmã grávida, a seus dois filhos sequestradores e até a seu cachorro. Por um ano e meio, estivemos juntos em presídios de São Paulo. Ela costumava lembrar aquele olhar trocado na escada: ficamos amigos para sempre. Essa moça se chama Maria Amélia Teles, Melinha, e escreveu este *Breve História do Feminismo no Brasil*.

Contei essa história por uma necessidade íntima de não esquecer, mas também porque explica o tom do livro. *Breve História do Feminismo no Brasil* é basicamente uma sistematização de material colhido na militância. E embora a autora não diga isso, o ponto de partida para esse esforço teórico foi a sua prisão e tortura sob a ditadura. Sei disso porque há alguns anos nos sentamos, eu e ela, para relatar em um livro

nossas raras experiências de prisão política - e raras porque de uma mulher e de um negro. Foi na cadeia que ela acordou para o movimento feminista e eu para o movimento negro.

Tanto é verdade, que Amélia escreve à página 65: "A constante dos relatos históricos (sobre a luta armada contra a ditadura), no entanto, tem sido a omissão ou diluição da presença feminina. Procuo exercer aqui a prática feminista de ressaltar o papel da mulher em todos os momentos históricos".

Esse, portanto, é o escopo do livro. A autora o realiza com clareza e didatismo - e quero dizer com isso que será útil às mulheres e homens que iniciam seus contactos com o movimento. Na primeira parte, ela organiza fatos e aspectos históricos relativos à vida e à atuação das mulheres - como a condição da mulher na colônia, nas Primeira, Segunda e Terceira República, na luta armada, no Movimento do Custo de Vida etc. Na segunda, relata a sua vivência (a começar pela prisão política) e as ações do movimento feminista que reputa decisivas, particularmente em São Paulo.

Imagino, desse jeito, que o livro possa ser usado com grande proveito por entidades feministas e de mulheres nos seus cursos de formação e de treinamento. Vejam, para começar, como define as duas coisas: "A expressão 'movimento de mulheres' significa ações organizadas de grupos que reivindicam direitos ou melhores condições de vida e de trabalho. Quanto ao 'movimento feminista', refere-se às ações de mulheres dispostas a combater a discriminação e a subalteridade das mulheres e que buscam criar meios para que as próprias mulheres sejam protagonistas de sua vida e história".

Como aliás é próprio da coleção Tudo é História, o livro de Amélia toma um assunto determinado e oferece dele um panorama. Vem desde o descobrimento - o aproveitamento das índias e o tráfico de pobres-coitadas de Lisboa - até o pós-feminismo de Camille Paglia, passando pela coisificação do corpo feminino negro (e, obviamente, pela luta contra ela) e pelo movimento feminista na atualidade.

Amélia, naturalmente, faz sobressair alguns momentos dessa dolorosa caminhada. (Dolorosa mas também gostosa, como sabem os que se metem em movimentos sociais.) Um desses momentos é o do esforço da negra - escrava ou liberta - para se reconstituir como pessoa. Esse tem sido um ponto cego em nossa literatura didática e de massa - a que se destina ao grande público. Essa reconstituição se fazia de várias maneiras: a negra se matava, abortava, matava

a criança confiada a sua guarda, assassinava o feitor, seduzia o branco, se aquilombava, fazia política... Só assim voltava a ser gente. Amélia fala de algumas lideranças históricas dessa luta: Aquelune, de Palmares; Luísa Mahini, a muçulmana revolucionária incansável que gerou o abolicionista Luís Gama; Maria Firmina, a maranhense que escolheu a pena para combater... (Mesmo eu, de ofício historiador, desconhecia a origem daquela provocação: Baiano depois de meio-dia vira mulher... É que na guerra contra os holandeses, elas rendiam os machos na hora do almoço.)

Não se deve, porém, pensar que tendo Amélia escrito uma história do ponto de vista da militante, a parte propriamente historiográfica tenha perdido. Chamo a atenção para as correlações que ela estabelece no capítulo Violência. A propósito do início da luta organizada de mulheres contra a violência, Amélia anota: "O primeiro (fato) ocorreu em São Paulo, quando uma mulher de classe média alta, casada com um professor universitário, branco, bastante considerado nos meios intelectuais, foi por ele espancada. Num momento em que não se falava na violência doméstica, pois um ditado popular até diz que 'em briga de marido e mulher não se mete a colher', essa mulher decidida foi à luta. Numa carta carregada de emoção, denuncia o crime praticado contra ela, ainda mais dolorido porque era cometido pelo homem amado". Adiante, Amélia leva o leitor a concluir que as circunstâncias daquela mulher - de classe, de cor, de status - foram decisivas na eclosão do movimento. Isso é fazer boa história, coisa que muito adepto do distanciamento do objeto não consegue.

Na altura do movimento militar de 64, Amélia dá voz às "marchadeiras" da CAMDE (Campanha da Mulher pela Democracia). Faz isso com tal jeito que cheguei a me enternecer com elas. Não sei se acontecerá com todo leitor. A impressão triste que ficou daquelas marchadeiras foi a do samba de Zé Kéti (cantado já no *réveillon* de 64):

Marchou com Deus pela democracia.
Agora chia, agora chia...
Você perdeu a personalidade,
Agora fala em liberdade!...

Amélia não as ataca, o que poderia acontecer num livro pouco inteligente de uma militante de esquerda que comeu o pão que o diabo amassou. Deixa-as falar com sua razões. O que aconteceu com elas? A história lhes deu uma punição exemplar - acabaram

marginalizadas pela ditadura que ajudaram a instalar. Os militares as apartaram, já não precisavam delas. Amélia não conta, mas provavelmente algumas terão se tornado, a

partir de 1968, digamos, militantes da causa democrática.

Assim é a breve história do feminismo no Brasil de Maria Amélia de Almeida Teles.

JOEL RUFINO DOS SANTOS ■

Contrapassos da latinidade

¿ Y Nosotras Latinoamericanas? Estudios sobre género e raça.

BUARQUE DE HOLLANDA, Heloisa (org.)

São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992, 86 p.

Não é nova a busca dos conteúdos de uma identidade latino-americana entre nós. Ela tem sido objeto de inúmeras reuniões, colóquios, seminários Internacionais... No mais das vezes, constroem-se diálogos bem intencionados que tentam lançar as vigas de uma ponte utópica, por levantar. Da visão revolucionária do Che aos mecanismos econômicos que presidem à criação de zonas de livre-comércio, mais ou menos bem sucedidas, os esforços somam na direção de apontar caminhos para destrinchar o dedalo dessa identidade latino-americana.

Com a publicação dos textos apresentados por ocasião do Encontro Latino-Americano sobre Género e Raça, promovido pela Centro Brasileiro de Estudos da América Latina, da Fundação Memorial da América Latina, e pelo Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos, da ECO/UFRJ, os alicerces desse projeto ganham solidez. As diferenças nos processos históricos, nas identidades culturais e lingüísticas, na composição étnica, mostram o quanto é difícil, mas não menos sedutor, pensar nossa latinidade. O desafio é grande pois, como afirmam Flores e Yudice, no artigo *Fronteiras Vivas/Buscando América: as línguas da formação latina*, "os latinos, essa mistura tão heterogênea de raças, classes e nacionalidades, são diferentes tanto das etnias 'mais antigas' quanto das novas. Os latinos nem mesmo compreendem uma 'etnia' relativamente homogênea", são antes "combinações raciais e nacionais" (p.69).

É discutindo etnicidade como prática (Flores e Yudice, p.81) e gênero também como

prática que os autores dessa coletânea pensam a América, elo genuíno da nossa heterogeneidade. Nesse sentido, a contribuição maior e mais original dos 11 artigos que compõem esses estudos sobre gênero e raça, e que tratam de espacialidades e temporalidades históricas distintas, reside, no nosso entender, em transfigurar a latinidade em configurações específicas que tomam as relações entre os sexos e entre brancos e negros na construção da nossa América (já que a questão racial não incorpora verdadeiramente os índios, mostrando que a diversidade étnica continua no limbo do pensamento contemporâneo, a não ser em algumas sociedades onde essa contradição revela-se antagonica, como no Canadá e no Québec).

É sem dúvida no artigo de Hilary Beckles que melhor apreende-se a imbricação da raça e do gênero, desta vez na desconstrução dos estereótipos coloniais e na desmistificação de uma eventual e oportuna solidariedade entre oprimidos e excluídos. Contestando a visão vulgar de que as mulheres brancas seriam anti-escravistas em função do seu sexo dominado e subordinado a uma ordem patriarcal, Beckles mostra com brilho que elas foram, no Caribe, agentes colonizadores ativos, embora não fossem legalmente livres como os homens brancos. Disponham de alguma autonomia que lhes era dada pela sua condição de classe e pela sua cor, podendo atuar na periferia da economia urbana ainda pouco desenvolvida. Serviam-se da escravidão para assegurar estratégias de sobrevivência autônoma no interior de uma sociedade colonial e patriarcal, apoiando-se na sua supremacia racial. É na explicitação da alquimia entre categorias de gênero e raça, ora hegemônicas, ora subordinadas, que consiste o grande interesse de *¿ Y Nosotras Latinoamericanas?*

Os textos de Jean Franco, Elena Urrutia e Marisa Navarro Aranguren analisam os proces-